

Divergências partidárias

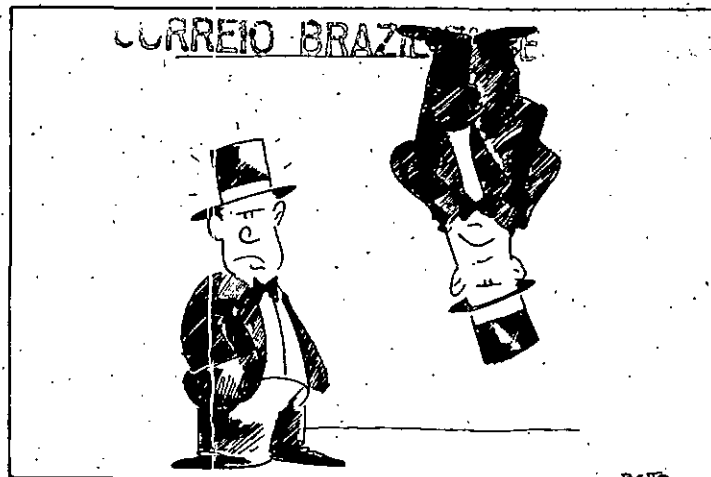
OSVALDO PERALVA 31 MAI 1987

As divergências no seio do PMDB têm suscitado especulações de que novo agrupamento político, com posições de centro democrático, equidistante em princípio dos esquerdistas e dos direitistas, estaria em vias de ser formado, para dar respaldo ao Presidente da República.

Convém notar, desde logo, que o Planalto não possui um programa de governo em torno do qual congregar deputados e senadores, capazes de atuar como núcleo do novo partido. Os temas que unem ou desunem constituintes de uma ou de outra bancada em geral são episódicos, como a duração do mandato de Sarney; o grau maior ou menor de parlamentarismo a ser adotado como novo regime, essas coisas.

O que está ocorrendo é mera separação de águas dentro do mesmo rio. A história dos partidos brasileiros está pontilhada de grupos, frentes, associações, com objetivos específicos. Por vezes facções se organizam no interior de um partido, como a "bossa-nova" da União Democrática Nacional (UDN), de que foram membros, entre outros, o presidente José Sarney e o governador José Aparecido. Por vezes, são movimentos suprapartidários, como a Frente Parlamentar Nacionalista, também do período pós-Estado Novo.

A idéia de que o partido político possa ser, em alguma parte, um bloco monolítico, constitui mera utopia. Nem mesmo os partidos comunistas clássicos, com a estrutura leninista do centralismo democrático — na verdade bastante centralista e muito pouco democrática —, conseguiram a unidade absoluta. No próprio congresso em que se fundou o partido marxista da Rússia, no começo do século, com o



nome de Partido Operário Social-Democrata Russo, surgiram discrepâncias entre "bolcheviques" e "mencheviques", quer dizer, entre os que se consideravam majoritários e os minoritários.

Nem mesmo Stálin, aplicando nos divergentes a tortura, o fuzilamento e os campos de concentração, alcançou a almejada unidade monolítica. Escapa, portanto, aos domínios de qualquer análise objetiva a previsão de que as desavenças nas hostes do PMDB tendam à constituição de outra agremiação política, somada a uma das já existentes, para a edificação de um fiel sustentáculo parlamentar do Presidente da República.

Existem circunstâncias em que uma facção do partido oficial, da agremiação no poder, rompe laços com a direção, em benefício da própria sobrevivência. Assim aconteceu no Japão, por exemplo, em 1976. O Partido Liberal Democrático, dispendo de maioria absoluta nas duas casas do Parlamento, desde 1955 — viu-se

denominados de liberais, muitos deles chegaram a apoiar a campanha por eleição a quatro anos de cárcere de um dos líderes do partido, o primeiro-ministro Kakuei Tanaka.

O PLD, que se formou como resultado da fusão de várias agremiações conservadoras, está dividido ainda hoje em facções abertamente reconhecidas, com seus líderes e finanças próprias. Apesar disso, um jovem deputado, Yohei Kono, acompanhado por vários outros, rompeu com a agremiação, organizando o que denominou de Novo Clube Liberal.

Era uma situação de crise, como de crise era a situação no Brasil quando o PDS arcava com o ônus de se achar a serviço de um sistema autoritário que marchava para o fim, por entre os estertores das medidas de emergência e da aplicação da Lei de Segurança. Nesse momento esboçou-se a reação de parlamentares mais atilados, indispostos a ter sua carreira política sepultada na vala comum do regime moribundo. Foram

envolvido em uma série de escândalos, culminando com a prisão, processo e ações diretas para a Presidência da República e afinal se constituíram no atual Partido da Frente Liberal.

A situação de hoje no País nada tem de semelhante à de 1984.

Há uma frase de Joaquim Nabuco com ampla circulação nos meios políticos, segundo a qual a fatalidade das revoluções é que sem os exaltados não é possível fazê-las, e com eles é impossível governar. Já a complementação da frase é menos conhecida, e nem por isso menos importante: "Cada revolução subentende uma luta posterior e aliança de um dos aliados, quase sempre os exaltados, com os vencidos".

Aqui não chegamos a ter uma revolução, mas apenas uma barganha, uma transação, de todo modo permitida pelo impeto das manifestações de rua. Alguns dos exaltados de ontem, dos que intransigiram na batalha pelas diretas já, agora enfrentam outros problemas e se aliam aos vencidos. Faz parte do jogo.

Esses fenômenos não significam, porém, instabilidade partidária. Não significam que os partidos se achem em processo de esfacelamento. Não significam que, abalados por contradições internas, possam desagregar-se.

As provas a que estão submetidos, no vigoroso embate da Assembleia Nacional Constituinte, não de fortalecê-los e consolidá-los. O PFL mesmo, à despeito dos sérios revezes eleitorais, procura reativar-se e superar as dificuldades. E diversos outros estão ocupando seu espaço.

Pelo jeito, os que esperam o surgimento de novo partido terão muito que esperar.